



foucault foi foucault e nada mais

ricardo líper

Foucault e sua trajetória

É interessante como se tenta encaixar Foucault em alguma teoria já pronta. Vemos Foucault ser chamado de estruturalista e muitas outras coisas. Recentemente, Paul Veyne, grande amigo e que conviveu com ele, o definiu assim: “não, Foucault não foi um pensador estruturalista, não, ele também não está ligado a certo ‘pensamento de 1968’; tampouco era relativista, historicista, não via ideologia em tudo. Coisa rara nesse século, ele foi, segundo seu próprio testemunho, um pensador *cético*, que acreditava apenas na verdade dos fatos, dos inúmeros fatos históricos que preenchem todas as páginas de seus livros, e jamais na verdade das ideias gerais, pois não admitia nenhuma transcendência fundadora”¹.

Ele se aproximou de muitas dessas correntes de pensamento nas quais o situam? Aproximou-se, mas à sua maneira. Quer dizer, foi sempre fiel à sua maneira de pensar e de onde partiu para elaborar suas conclusões e, à medida

Ricardo Líper, pseudônimo de Ricardo Calheiros Pereira, é professor de Filosofia da UFBA. Escritor de blogs e em jornais, criador de Inimigo do rei, publicação anarquista dos anos 1980.



que ele próprio se questionava, elas cresceram e se desdobraram. Daí que a apreensão do seu pensamento, mais do que em muitos outros filósofos, ocorre ao longo da sua obra. Há, na realidade, uma trajetória possível de ser compreendida a partir de alguns pressupostos iniciais.

Essa trajetória começa com um método chamado por ele de arqueologia. O termo *arqueologia* surge em 1963 no *Nascimento da clínica: uma arqueologia do olhar médico*, e volta em 1966, com *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas* e, em 1969, com *A Arqueologia do Saber*. Para entender melhor Foucault, é muito importante compreender também algumas filiações iniciais. Ele era um apaixonado pela pesquisa histórica. Evito dizer “historiador” pelas implicações que a palavra tem. Ele usa a história, como Hegel e Marx também o fizeram, como um processo de investigação epistemológica, só que de forma diferente de Hegel e Marx; daí ser Foucault um filósofo e não um historiador, assim como Marx e Hegel também foram filósofos. A história, para Hegel e Marx, tinha um sentido implícito que teria sido decifrado por eles, isto é, a verdade se revelava dialeticamente na totalidade e historicidade. Para Foucault, isto não existe. Ao contrário, há uma descontinuidade e não um sentido a partir de uma racionalidade que guiava a história e a explicava de forma metafísica. É essa *interpretação* da história não lhe interessava, assim como nenhuma interpretação. Para ele, os fatos históricos são singulares. Ele não faz uma história das ideias, mas dos discursos e, de preferência, dos discursos sobre os subjugados e excluídos. Isto é, o discurso é um conjunto de enunciados que podem ser de campos diferentes, mas que têm em comum certas regras de funcionamento que *emergem* na história sugerindo um saber.



Foucault foi Foucault e nada mais

Por isso, o aproximaram do estruturalismo. O que ele descobriu foi que esses discursos, sugerindo ou pretendendo uma verdade, estão inseridos em uma episteme. Em uma época, a episteme é um conjunto de relações que liga tipos de discursos. Como um bom arquiteto de seu texto, ele mostra uma história dos discursos resultado da episteme de uma época, em geral, extravagante e, muitas vezes, sem sentido diante de outras *epistemes* posteriores. A história das *epistemes*, para quem está lendo Foucault, por si só desmonta os discursos. Não é uma história, mas uma arqueologia, como ele mesmo escreveu no prefácio de *As Palavras e as Coisas*. No sentido de *arché*, isto é, o início no qual surgiu a emergência dos objetos do conhecimento e como consequência um discurso sobre esses objetos. Para Foucault, “tal análise, como se vê, não compete à história das ideias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por encontrar a partir de que foram possíveis conhecimentos e teorias; segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber; na base de qual a priori histórico e no elemento de qual positividade puderam aparecer ideias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se racionalidades, para talvez se desarticularem e logo desvanecerem. Não se tratará, portanto, de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência de hoje pudesse enfim se reconhecer; o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a *epistémê* na qual os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam, assim, uma história que não é de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; nesse relato, o que deve aparecer, no espaço do saber, são



as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais que de história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma arqueologia².

O que Foucault fez foi acender, sobre o *entorno dos discursos*, um poderoso *spotlight*, trazendo para o centro do palco a episteme na qual eles emergiram. Daí a *Arqueologia do Saber*. O que fez a episteme parecer semelhante ao paradigma de Thomas Khun, como muitos comentadores e estudiosos perceberam.

O *a priori* histórico e Kant

Foucault tratou do *a priori* histórico, o que o envaideceu durante um período quando foi chamado de um novo Kant. Foucault descobriu que não se atinge uma verdade pressuposta no saber, só o discurso. O discurso é o elemento pelo qual se estabelece o *a priori* histórico. Só se chega ao discurso. E o discurso não é a coisa em si porque é resultado de uma episteme. O discurso é um cheque sem fundo. Como no caso do cheque, apenas, quase sempre, um papel escrito. Pretendendo ser um saber, mas sem ser saber algum, é apenas um resultado inconsciente de epistemes que se sucedem transformando a história das ideias em um grande cemitério. Ele foi o Freud do discurso, que o colocou no divã revelando a episteme “inconsciente” que o gerou. Nesse sentido, Foucault chegou a essa conclusão a partir de sua análise do discurso e do seu inconsciente. Mais consistentemente a partir de *A Palavra e as Coisas* e *A Arqueologia do Saber*, ele descreve o discurso que emerge na história, singular e sem continuidade progressiva e sem nenhuma interpretação do próprio ou do entorno do discurso para explicá-lo; portanto, como um fenômeno. Fenômeno



Foucault foi Foucault e nada mais

esse que torna impossível se chegar à coisa em si, isto é, o *noumenon* que seria um saber verdadeiro. Por isso, Paul Veyne, na sua introdução do seu livro acima citado, vê no filósofo certo ceticismo, e o próprio Foucault citado por ele, em certo momento, brinca com esse conceito. Um *a priori* histórico, portanto. À primeira vista, pode-se imaginar que pode ser uma variação do conceito de ideologia dos marxistas. Mas não é. Porque a ideologia é um discurso de uma classe dominante cuja função é iludir a classe oprimida, mas existe além dela a ciência feita pela classe desprovida do poder que melhor percebe e denuncia sua dominação. Já em Foucault, só se atinge o discurso e logo se instala o que ele próprio chamou de o *a priori* histórico. Porque é a episteme que existe *em torno* do discurso que estabelece a condição do surgimento do discurso, isto é, lhe dá a *possibilidade* de se constituir e, assim, impede de se chegar ao *noumenon*. O que interessa a Foucault é a possibilidade na qual cada episteme fez surgir os discursos. É da natureza do saber ser uma expressão inconsciente de uma episteme. Ela seria como a viseira que se usa em cavalos para só enxergar parte da realidade ou mesmo a realidade distorcida ou até nenhuma realidade para seguir o cabresto que a guia. E qual seria esse cabresto? Qual seria, enfim, a *função* do discurso e da episteme? É a partir dessa pergunta que ele vai revelar o *noumenon* do discurso. O *noumenon* do saber.

Segundo Veyne, “para Foucault, assim como para Nietzsche, William James, Austin, Wittgenstein, Ian Hacking e muitos outros, cada um com seus próprios pontos de vista, o conhecimento não pode ser o espelho fiel da realidade; da mesma maneira que Richard Rorty, Foucault também não crê nesse espelho, nessa concepção ‘especular’ do



saber; para ele o objeto, em sua materialidade, não pode ser separado das molduras formais por meio das quais o conhecemos e que ela, com uma palavra mal escolhida, chama de ‘discurso’. Tudo está aí”³.

O discurso e a episteme seriam semelhantes ao tempo e o espaço para Kant. Pode parecer um certo ceticismo, como notou Paul Veyne. E talvez até fosse, se na sua trajetória Foucault não fosse impulsionado por uma insatisfação com essa conclusão. Se ele tivesse parado na arqueologia, teria sido outra versão de Thomas Kuhn que, como filósofo da ciência, estava no seu nicho filosófico correto; mas Foucault transcende esse nicho, guiado, inicialmente, pelas mãos de Nietzsche. Ele se inscreve, então, como um pós-kantiano, se quiserem, como Schopenhauer e Nietzsche.

Devem a Kant grande parte de suas reflexões tanto Schopenhauer como Nietzsche. Ambos partem do enigma gnosiológico de Kant e tentam resolver mostrando que o *noumenon* podia ser revelado. Schopenhauer com a vontade – embora ele achasse repetitivo dizer a *vontade de viver*, bastava a *vontade* na qual estaria implícita a vontade de *viver*. Nietzsche transformou essa *vontade de viver* em a *vontade de poder*, e assim abriu para a vida um sentido dionisíaco e trágico, no sentido grego, superando a ascetismo depressivo de Schopenhauer. Foucault inseriu o poder no que ele, homenageando Nietzsche, chamou de genealogia. Não é mais a *vontade de viver* nem a *vontade de poder*, como em Schopenhauer e Nietzsche, mas a razão de ser do discurso; e não do *mundo como representação*, é o poder-saber. Ele, na genealogia, insere a noção de dispositivo com a qual cresce sua análise e preocupação com o poder. É isso que o faz transcender à semelhança com Thomas Kuhn e sair do nicho epistemológico para se estender à filosofia



Foucault foi Foucault e nada mais

política na reflexão sobre o poder. No meu entender, ele viu o *noumenon* como sendo as relações de poder e o discurso como sua emergência na história, portanto o *a priori* histórico que, na genealogia, à semelhança de Nietzsche, teve na *vontade de poder* a revelação da natureza da coisa em si. Daí o poder-saber como ele descreveu no seu *A Vontade de Saber*. O que esta por *detrás* do discurso é o poder-saber. Ou seja, as relações de poder na vontade, não mais de viver como em Schopenhauer, nem só do poder, mas do poder-saber no qual o discurso é contemplado. Aí está, em essência, a originalidade de Foucault como filósofo. A expressão *relações* de poder substituiu o poder. A vontade de saber é a vontade de poder nesse sentido que, através do discurso expressa nos dispositivos, estabelece relações de poder. Foucault, à medida que desenvolve esses pontos de vista, faz o discurso ser um dos elementos do dispositivo cujas relações de poder ficam cada vez mais presentes. O saber pressuposto nos discursos é o fenômeno e o poder-saber, o *noumenon*. Daí o poder-saber, termo que ele cunhou. Esta é minha tese. Essa é a revolução chamada Foucault. No meu entender, *A Vontade de Saber* é um livro emblemático. Crucial para se entender sua obra. Ele a divide e abre a possibilidade para cada vez mais reflexões sobre o poder. É nesse sentido que podemos falar de uma aproximação de Foucault aos temas tratados e tão queridos pelos anarquistas, como o poder. Ele atraiu para sua órbita os irrequietos anarquistas e um novo planeta passou a girar em torno dele⁴.

A trajetória em sua obra proposta aqui, portanto, começa com *As Palavras e as Coisas* e *A Arqueologia do Saber*. Daí sua semelhança inicialmente com o estruturalismo ou pós-estruturalismo poder ser considerada. Entretanto,



quando visto sobre a trajetória e desenvolvimento posterior, ao se interrogar, sobre a *função* do discurso, chega, através desse procedimento, à sua essência, portanto o em si, isto é, o poder-saber. Se quisermos, estamos por essa via chegando ao mais radical dos anarquismos. Perceber na essência do saber nada mais do que o poder. A sujeição do outro através do saber, mais precisamente, daquele que se auto-institui dono da verdade. E no meu entender, indo às raízes de suas fundamentações, com uma poderosa investigação histórica dos discursos – por isso falei de usar a história como epistemologia, revelando a função do saber como poder e, assim, transformar a pesquisa histórica dos excluídos em uma profunda reflexão filosófica com conseqüências nem ainda não exploradas todas devidamente.

Desvendando a repressão aos prazeres sexuais

Michel Foucault descreve em *A Vontade de Saber* duas coisas importantes: a confissão induzida que fornece o objeto de pesquisa para o discurso posterior e a proliferação dos discursos sobre o que se apelidou de sexualidade. Nunca ninguém captou de maneira tão arguta a estratégia repressiva que a nossa sociedade fez em relação aos prazeres sexuais. Escondida sob a supostamente inocente vontade de saber sobre os prazeres sexuais, a vontade de poder estendeu seus tentáculos sobre eles. A repressão não se dá mais com os castigos, mas, ao contrário, do silêncio e do pudor com o falar muito, o estudar muito, o pesquisar muito os prazeres sexuais. Gerar discursos. Criar criaturas, medicalizar o comportamento dessas criaturas já agora nomeadas como devassas invertidas, desviadas, pervertidas e, assim sendo, exercer o poder sobre os prazeres sexu-



ais. Relações sexuais, sejam elas quais forem, são inocentes e banais, algo como tomar um copo d'água ou comer uma banana ou uma goiaba. O falar, o problematizar, a criação de tipos a partir de confissões visa excluir, aprisionar, processar, encarcerar os considerados marginais, anormais e delinquentes sexuais. O que é falar sobre suas atividades sexuais em qualquer tipo de confissão, quer psicológica ou religiosa? Tentar descrever um desejo? Mas um desejo tão simples: a vontade de sentir prazer. Que, se deixado no seu devido lugar, sem discursos a respeito, volta à sua naturalidade e silêncio e sem a importância que todas as coisas naturais e normais gozam. Já quando é problematizado, quando vira objeto de pesquisa, confissões, quando passa a ser sexualidade com debates e opiniões e uma intensa produção de discursos, é resultado apenas do poder-saber. E criando o *script*, o texto do espetáculo a ser encenado, surge o ator. A função única desses discursos é a demonização do sexo com a sua medicalização. O prazer sexual passa a ser suspeito de doenças e anormalidades atrozes. Esse prazer que as sociedades anteriores tinham descrito como arte, beleza e amor fez surgir os prazeres sexuais como patologia. Segundo Foucault, “existem, historicamente, dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo. Por um lado as sociedades – e elas foram numerosas: a China, o Japão, a Índia, Roma, as nações árabe-muçulmanas – que se dotaram de uma *ars erotica*. Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer e, portanto, segundo sua intensi-



dade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos. Dessa forma constitui-se um saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição pois, segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado. A relação com o mestre detentor dos segredos é, portanto, fundamental; somente este pode transmiti-lo de modo esotérico e ao cabo de uma iniciação em que oriente, com o saber e seriedade sem falhas, o caminhar do discípulo. Os efeitos dessa arte magistral, bem mais generoso do que faria supor a aridez de suas receitas, devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças. Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erotica*. Em compensação, é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis*. Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão”⁵.

Sempre me surpreendeu muito que pessoas se dedicassem – e a sério – a analisar o que pessoas fazem para sentir prazer sexual. E o mais impressionante é como conseguiram inverter o desejo de sentir prazer, a vontade de gozar, para a obrigação de gozar apenas com o objeto sexual que psicólogos, rabinos, padres, psiquiatras e juristas em deter-



Foucault foi Foucault e nada mais

minada época acharam ser correto. Enfim, uma tragicomédia cujo ridículo não tem limites. Foucault encerrou o assunto quando mostrou que são apenas discursos visando o poder-saber.

Foucault e os anarquistas

E os anarquistas? Sim, o que os aproxima é a análise do poder, tema central de várias correntes anarquistas. Precisamos também entender que não existe o anarquismo fechado em teses principais ou, se existe, não passa de um fermento no qual vários anarquismos se desdobraram, até no que se chama, atualmente, de pós-anarquismo. O que ocorreu com Foucault é que ele inicia sua trajetória tendo como ponto de referência a história como instrumento de investigação filosófica e epistemológica do discurso. Ele não partiu, como muitos anarquistas clássicos o fizeram, da análise do poder e do Estado. E sendo o Estado e sua abolição o ponto central do anarquismo, ele não poderia se dizer anarquista. E também porque permeia o anarquismo clássico uma visão iluminista muito próxima de Rousseau, na qual, se o Estado for abolido, o homem trabalhador, porque é bom em si, organizaria uma sociedade perfeita e sem opressão. Foucault não partiu desse ponto de vista inicial e nem poderia aceitar essa episteme do Iluminismo. Logo, ele não poderia se dizer inicialmente anarquista porque o anarquismo tinha como um princípio a abolição do Estado e girava em torno desse postulado. Entretanto, Foucault vai, como dito acima, em uma trajetória mais ou menos próxima de outros pensadores como A. Koyré, G. Canguilhem, L. Althusser, P. Bourdieu e G. Deleuze, onde se inclui, e eu gosto de dizer – *levado pelas mãos* de Nietzsche, per-



ceber as relações de poder na função dos discursos na sua fase que ele mesmo denominou de genealogia. O que vejo é um filósofo, à semelhança de Schopenhauer e Nietzsche, que vê no *noumenon* kantiano as relações de poder. E aí podemos dizer que isso Nietzsche fez com a vontade de poder, mas a importância e originalidade de Foucault é que ele não é só a sua genealogia, ele chega a conclusões semelhantes às de Nietzsche através da arqueologia que não foi abandonada, muito pelo contrário, foi incluída nos dispositivos e assim faz uma análise epistemológica gigantesca não só do saber como de todo um processo social e político da opressão tornando ele um dos mais importantes filósofos da atualidade. Portanto, pós-kantiano e pós-nietzscheano à sua maneira. Por isso suas descobertas desdobram-se e influenciam vários campos da atividade humana, que vão desde a educação a reivindicações sociais como descrito na *Microfísica do Poder*. Nessa dimensão, ele chega a um pensamento muito próximo dos anarquismos possíveis e até mais próximo de um anarquismo mais clássico, como Proudhon e Bakunin, quando, em algumas obras, fala de biopolítica, população e governamentalidade. Nesse sentido, Foucault é, mesmo quando é estruturalista ou pós-estruturalista, kantiano ou pós-kantiano, nietzscheano e anarquista, Foucault. Ele pode ser tudo isso, mas, antes de qualquer coisa, foi Foucault.

Notas

¹ Paul Veyne. *Foucault, seu pensamento, sua pessoa*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2011, p. 9.

² Michel Foucault. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das Ciências Humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1999, pp. XVIII-XIX.



Foucault foi Foucault e nada mais

³ Paul Veyne, 2011, op. cit., p. 16.

⁴ Não sei se alguns anarquistas mais exaltados gostarão dessa posição de satélite. Sugiro que encarem como uma metáfora.

⁵ Michel Foucault. *A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque & J. A. Guilhón Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982, pp. 57-58. No meu entender esse trecho deste livro de Foucault descreve tudo que se deve saber para entender os prazeres sexuais. Ele, aqui, encerra o assunto. Nada mais, no meu ponto de vista, precisa ser dito sobre os prazeres sexuais. Nessa nota, um pouco longa por isso, foi dito tudo. Prazer sexual é arte. É a arte de gozar, e o corpo encontra as maneiras sem regras, livremente, espontaneamente, inocentemente como uma criança que corre em um bosque. O resto é apenas poder-saber e seus dispositivos para vigiar e punir.



Resumo

Michel Foucault pode ser considerado, numa primeira leitura, estruturalista, no entanto, sua trajetória o faz partir do conceito de discurso para, depois, incorporá-lo ao de dispositivo. Em Foucault, todavia, o poder-saber seria o noumenon substituindo a vontade de viver de Schopenhauer e a vontade de poder de Nietzsche. É por essa noção de poder Foucault se aproxima dos libertários, não pelo viés dos anarquistas clássicos, mas a partir do conceito arqueológico de discurso e da crítica epistemológica do saber.

Palavras-chave: Foucault, poder-saber, anarquismo.

Abstract

Michel Foucault, in a first reading may seem structuralist, however, his trajectory which had begun with the concept of discourse incorporated the discourse to the dispositive. Nevertheless, the Foucault's power/knowledge concept would replace Schopenhauer's will-to-live and Nietzsche's will to power as the noumenon. This is the way whereby he approaches to the anarchists, not by assuming the classical anarchist critics, but through his archeological concept of discourse and the epistemological critics of knowledge.

Keywords: Foucault, power/knowledge, anarchism.

Recebido para publicação em 15 de fevereiro de 2012. Confirmado em 22 de março de 2012.